

pesquisa. Sua contribuição é particularmente marcante no estudo das relações entre os setores público e o privado na política brasileira, questão sempre atual no país.

**CELI REGINA JARDIM PINTO**  
é doutora em Ciência Política na  
University of Essex, UK, diretora do  
IFCH na Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul e professora do  
Programa de Pós-graduação em  
História da UFRGS.  
E-mail: [celi.pinto@ufrgs.br](mailto:celi.pinto@ufrgs.br)

***Em busca dos fundamentos:  
Auerbach como uma das fontes  
da crítica literária no Brasil***

Leopoldo WAIZBORT. *A passagem do três ao um*.  
São Paulo, CosacNaify, 2007. 346 páginas.

Ronaldo Oliveira de Castro

O próprio título do livro de Leopoldo Waizbort indica uma forte relação com Antonio Candido. *A Passagem do três ao um* remete ao título de um artigo de Candido, “A passagem do dois ao três”. Mas indicaria um caminho de volta, um retorno? Creio que sim, trata-se de uma tentativa de fazer um giro em direção aos pressupostos que não só orientam a crítica de Antonio Candido, que é de certa forma o tema central do livro, mas também revelam alguns fundamentos da crítica sociológica em dois outros autores nacionais, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz. Mas se Candido é o centro, o ponto de partida e seu fio condutor é Erich Auerbach.

O livro está dividido em três partes: a primeira dedica-se à discussão de interpretações de Machado de Assis, a saber, os livros de Faoro, *A pirâmide e o trapézio*, e de Schwarz, *Ao vencedor as batatas* (ainda que a presença de *Um mestre na periferia do capitalismo* não seja insignificante); a segunda parte discute a trajetória crítica de Antonio Candido, e a terceira encerra o livro com uma reflexão sobre a crítica de Auerbach, que envolve filologia e sociologia.

O ponto de partida é *Mimesis*, no qual Auerbach apresenta uma complexa discussão sobre o realismo literário, que, em vez de ser definido de forma unívoca, é entendido como exposição da realidade. Auerbach persegue as múltiplas “feições” sob as quais a realidade pôde ser configurada na literatura europeia, imprimindo no livro uma “dimensão aberta” que caracteriza um conjunto de fragmentos articulados entre si. Waizbort, por sua vez, propõe ampliar tal pluralidade, mostrando como outros esforços de pensar configurações realistas poderiam se encaixar na perspectiva aberta por *Mimesis*.

A partir daí, o autor anuncia a discussão que constitui a primeira parte do livro: como Faoro e Schwarz concebem o modo de exposição da realidade na literatura de Machado de Assis, mostrando como o texto literário e a realidade se relacio-

nam. Waizbort reitera o argumento já presente nas análises desses autores de que é possível encontrar na literatura machadiana uma outra “configuração histórica do ‘realismo’”, o que consubstancia a presença de Auerbach como fio condutor de *A passagem do três ao um*.

Se há pontos em comum, as diferenças são grandes entre as análises de Faoro e Schwarz. Para Faoro, o problema é demonstrar como a literatura constitui uma realidade, como a obra expõe uma realidade por ela mesma construída. Nesse sentido, a tarefa do crítico (ou do sociólogo) seria justamente contrapor tal realidade ao contexto da sociedade de então, verificando a aproximação entre a interpretação literária e a realidade extraliterária. A obra de Machado de Assis, dessa perspectiva, passa a ser a base para uma interpretação do Brasil na passagem do Segundo Reinado para a República, momento complexo de transição de uma sociedade estamental para a formação de classes sociais. Segundo Waizbort, Faoro enxerga mais do que Machado de Assis, contrapondo ao ficcionista aquilo que lhe escapa do sentido das transformações históricas que seus romances, ainda assim, capturam. *Donos do poder*, o clássico livro de Faoro, é uma análise desse momento histórico que utiliza a obra ficcional machadiana como ilustração para sua “sociologia histórica” do Segundo Reinado. Assim, o acesso à realidade fora do texto só pode ser dado por algum outro texto, que apareça como revelador do real. Para Waizbort, aqui reside a força e a fraqueza do livro, uma vez que o paralelo realizado por Faoro entre a história do Segundo Reinado e a ficção de Machado, se tem o poder de mostrar como uma esclarece a outra, retira a autonomia da obra literária, na medida em que esta se torna mera ilustração da primeira.

A interpretação que Faoro faz de Machado se articularia a partir de dois vetores que trazem Auerbach de volta à cena: realismo e moralismo. Em *Mimesis*, o “moralismo” é uma forma de avaliação dos fenômenos sociais não decorrentes de processos supra-individuais mais profundos, mas de ações, sentimentos e paixões individuais que poderiam ser julgadas a partir de um ponto de vista moral. Em outras palavras, os problemas sociais são percebidos como individuais, como questões morais. Machado, na leitura de Faoro, seria um moralista, que julga os homens a partir do valor moral de sua conduta, valor que paulatinamente vai sendo definido nos romances, sem perceber as estruturas sociais

mais profundas em transformação que condicionavam o comportamento dos indivíduos. Desse modo, para Faoro a realidade só seria revelada pela análise histórica ou sociológica, mas não pela ficção. Com efeito, Faoro discute o limite da consciência histórica alcançada por Machado de Assis.

Afirmando que *Os donos do poder* é a base para a interpretação que Faoro faz da obra machadiana, pois ali o autor investiga a complexa transição que se apresenta em *A Pirâmide e o trapézio*, Waizbort revela a presença de um outro autor fundamental na construção de seu próprio livro, Georg Lukács, outro fundamento das vertentes de crítica literária no Brasil que investiga em seu livro. Há pouco mencionei que Faoro percebe Machado no interior da transição de uma sociedade estamental para uma sociedade de classes, contudo, nessa transição, classes e estamentos se articulariam e seria mesmo possível encontrar a passagem de uma situação de classe para a de estamento político. Idéias como essa relembram um passo importante em *Os donos do poder*, recuperado por Waizbort, a saber, a presença do pensamento de Trotsky acerca do desenvolvimento capitalista desigual e combinado. Embora tenha desdobramentos diversos em autores como Roberto Schwarz e Antonio Candido, a discussão em torno dessa idéia de desenvolvimento revela um ponto em comum, qual seja, o de que a compreensão da obra de Machado de Assis se dá por meio da instauração de uma complexa rede de relações que articula o processo de formação nacional ao desenvolvimento do mundo moderno.

Se em Faoro a tese do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo no Brasil é compreendida como o peso que o passado deixa sobre o presente, levando a um capitalismo politicamente orientado que trava o desenvolvimento do capitalismo propriamente moderno, em Schwarz, esta tese será potencializada, segundo Waizbort, por uma articulação com o pensamento de Lukács, que o permite compreender o desenvolvimento desigual e combinado como produtor de uma sociedade tão moderna quanto a dos países centrais, uma vez que o Brasil está inserido no mesmo sistema global que também se desenvolve de forma desigual e combinada. Waizbort encontra em Lukács um dos fundamentos da posição de Schwarz, para quem a tomada de posição diante do romance pressupõe uma tomada de posição em relação ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Assim, Schwarz se-

que o caminho de Lukács, buscando compreender as especificidades do romance brasileiro no quadro do desenvolvimento capitalista no Brasil. A forma do romance é entendida como o ponto de articulação entre sociedade e texto literário, já que é a forma que estrutura as relações sociais ou as condições históricas como componentes da ficção. Esta conexão entre forma e processo social é um fundamento lukácsiano partilhado por autores brasileiros analisados em *A passagem do três ao um*. Como Lukács, também Antonio Candido sempre teve como projeto analisar a passagem do social para a forma literária.

A dialética entre forma e processo social leva Schwarz a entender como a história do capitalismo mundial se estrutura de modo específico no contexto brasileiro, compondo o campo a partir do qual Machado de Assis constrói sua obra. Nesse sentido, a forma é social e historicamente elaborada. O escritor operaria a sobreposição de uma forma literária a uma forma social, base sobre a qual a primeira se constituiu. Para Schwarz o favor é na ficção machadiana a mediação suprema na sociedade brasileira do século XIX, uma vez que, no plano ideológico, as relações sociais fundamentais ocorrem entre homens livres, proprietários ou não de latifúndios, entre senhores de escravos e os demais homens livres, elidindo a questão da escravidão. A interpretação do Brasil no século XIX teria como principal nexos o favor, e não a escravidão, o que gera uma visão mais favorável da sociedade. O descompasso entre a estrutura escravista, tão central para a sociedade brasileira, e sua imagem na literatura remete a um dos temas analisados por Lukács, a saber, o acordo ou desacordo da forma literária com a matéria social, ou seja, a discussão se o romance expõe ou falsifica o real. Contudo, o favor não é absolutamente uma falsificação na análise de Schwarz, mas a mediação entre os homens livres, e não o dinheiro, como na sociedade europeia de então. De fato, Machado constrói um realismo específico, que não resulta em uma mera falsificação da realidade, mas que deseja abranger a “vida popular”, uma tentativa de construir os nexos que unem a totalidade da vida social, e não apenas reproduzir a vida das camadas sociais mais “baixas”. Este ponto termina por revelar uma articulação entre Auerbach e Lukács operada por Schwarz. A “vida popular”, cuja captura seria um dos critérios de Lukács para a configuração realista, é conectada com a perspectiva de Auerbach de que o realismo moderno se

caracteriza pela mistura de gêneros. Esse tipo de realismo permitiria uma visão de totalidade, já que não segrega em gêneros distintos – comédia e tragédia, respectivamente – a vida do povo e a dos príncipes, não exclui a possibilidade de interação entre o sublime e o vulgar.

A partir dessa articulação Schwarz conclui que as deficiências do realismo da primeira fase de Machado de Assis não são falsificações da matéria social, mas são decorrentes da própria sociedade apresentada nos romances. Os limites da obra corresponderiam aos limites da própria sociedade, inserida num sistema mundial que transforma o dinheiro no principal mecanismo de mediação social. Aqui, a influência do dinheiro se faz sentir num contexto em que os homens livres efetivamente recorrem ao favor como forma de navegação social. Nesse sentido, o realismo machadiano, mesmo na primeira fase, revela uma situação complexa, em que o desenvolvimento desigual e combinado gera sociedades muito peculiares. As inconsistências sociais decorrentes de tal desenvolvimento estão, segundo Schwarz, absolutamente presentes nos romances de Machado. Sua forma literária seria, portanto, resultado da percepção que o romancista tinha do processo social. Desse modo, ao contrário de Faoro que, de acordo com Waizbort, procurava enxergar mais do que Machado de Assis, Schwarz tenta dar conta de como o romancista percebe o processo social em curso.

Na segunda parte do livro, Waizbort pretende demonstrar como algumas das posições de Antonio Candido apresentam afinidades com as perspectivas de Auerbach e Ernest Robert Curtius, autor de *Literatura europeia e Idade Média latina*. Um dos pontos fundamentais é a idéia de que *Formação da literatura brasileira* seria uma história literária nacional que opera uma síntese sem, contudo, buscar a completude. Antonio Candido elege momentos decisivos na elaboração de uma síntese que tornaria o processo histórico de constituição da literatura brasileira inteligível a partir de uma perspectiva orientadora. Em vez de uma história que simplesmente encadeia acontecimentos, Auerbach, Curtius e Candido buscam revelar as estruturas subjacentes aos processos de constituição da literatura. Contudo, como lembra Waizbort, os dois filólogos alemães realizaram este movimento afastando-se do âmbito das literaturas nacionais, no sentido de elaborar histórias literárias supranacionais. Assim, para Waizbort, Candido lançou mão de procedimentos que a filologia alemã

havia desenvolvido para redefinir uma história da literatura nacional. Tendo em mente a inserção do Brasil no processo de desenvolvimento capitalista desigual e combinado, a perspectiva de nação não poderia se perder, de modo que, ao contrário de Auerbach e Curtius, a idéia de nação permanece a chave que permite a compreensão do livro *Formação da literatura brasileira*. Sem perder de vista a perspectiva dos autores alemães, de uma cultura européia que se manifesta na literatura, Candido procura analisar como essa cultura européia, ou o “espírito do Ocidente”, se atualiza na literatura nacional.

Creio que a afinidade de Candido com Curtius e Auerbach se dá principalmente a partir da idéia de que há um legado cultural europeu comum, que seria a fonte das literaturas nacionais européias, de modo que os dois filólogos não se centram na discussão das literaturas nacionais, mas da literatura como um patrimônio cultural comum. Nesse sentido não é por acaso que *Mimesis* começa com uma comparação entre Homero e o Velho Testamento, uma vez que estes constituem as bases sobre as quais a literatura européia se assenta, além de Dante Alighieri, considerado a síntese de um processo de formação que tem como elementos as heranças clássica e judaico-cristã.

Antonio Candido realmente se aproxima das perspectivas de Auerbach e Curtius, na medida em que está envolvido com a concepção de um processo literário que é síntese de uma tradição histórica, mas a manutenção do conceito de nação em posição central me parece afastar o autor brasileiro dos alemães. Citando Werner Krauss, aluno de Auerbach, que afirmava que as histórias nacionais da literatura deveriam se munir dos procedimentos da história literária comparada, Waizbort sustenta que Candido já realizava no Brasil algo que na Europa e nos Estados Unidos não passava ainda de um projeto para o futuro. Para ele, ao recorrer aos métodos dessa história literária supranacional e aplicá-los na construção de uma história da literatura brasileira, Candido teria se antecipado às preocupações que só surgiriam mais tarde na Europa. A especificidade da inserção do Brasil no sistema mundial, argumenta Waizbort, exigia que Candido levasse em conta a centralidade do conceito de nação. Entretanto, se tomarmos o conceito de desenvolvimento capitalista desigual e combinado, talvez possamos propor que a posição de Candido – em vez de corresponder simplesmente a um projeto ainda não realizado na

Europa, e apenas esboçado pela filologia alemã – decorresse da combinação de realizações avançadas da história literária européia com o que havia de mais atrasado, isto é, a história da literatura nacional, o que resultou numa análise original e instigante. Contudo, o projeto de Auerbach de uma história literária fundada na perspectiva de uma cultura ocidental se contrapõe muito conscientemente às histórias nacionais da literatura. Creio que essa distância em relação a Candido é tão significativa quanto a proximidade que Waizbort vislumbra. Não considero que Candido estivesse realizando, ao menos em *Formação da literatura brasileira*, algo que na Europa e nos Estados Unidos seria ainda um projeto para o futuro. Não me parece que seu livro resolva o impasse presente no âmbito das histórias literárias, o que, absolutamente, não diminui a importância fundamental do livro. Sustento que há, apesar da originalidade e da grandeza analítica de *Formação da literatura brasileira*, uma forte presença da idéia de história literária como história da nação, herdada do século XIX. Se Candido concebe a literatura nacional como uma manifestação do espírito do Ocidente, o que importa é, sobretudo, a forma nacional que esse espírito adquire. Um dos movimentos fundamentais do livro é justamente a passagem da “literatura comum”, do período colonial, que impedia uma distinção rígida entre a literatura portuguesa e a da colônia, para uma literatura nacional independente. *Formação* é a história da independência literária brasileira. Se há um jardim comum das musas, e se a literatura brasileira, nas palavras de Candido, é galho secundário do arbusto português, é bom lembrar que “galho” pode significar um ramo que, retirado de um arbusto, dá origem a uma nova planta. *Formação* é uma história da literatura nacional, e se ela recorre a métodos e concepções inovadores, como a construção de uma totalidade que não é completude, não deixa de trazer as marcas de uma tradição que se desgastava. Isso não significa que se trata de uma história literária composta inteiramente nos moldes do século XIX; Candido não substancializa a identificação entre literatura e nação como seria típico da perspectiva romântica. O processo de formação da literatura nacional é pensado sob outros ângulos e apresentado como uma construção, e não como decorrência de um espírito brasileiro ou de uma alma popular que se expressaria nos textos. Nesse sentido, é evidente que o livro de Antonio Candido

se afasta do modelo oitocentista, mas não o suficiente para afirmar que ele oferece uma solução para impasses que só seriam levantados mais tarde na Europa. Creio que a idéia de desenvolvimento desigual e combinado tão presente no livro poderia ser usada mais uma vez para afirmar que há no livro a combinação de um elemento tradicional com perspectivas modernas.

Waizbort também se detém nos ensaios de Antonio Candido que compõem *Tese e antítese* e *O discurso e a cidade*. O autor demonstra que o vínculo teórico e metodológico com a obra de Auerbach perpassa toda obra de Candido posterior a *Formação da literatura brasileira*. Os ensaios de *O discurso e a cidade* mantêm, segundo Waizbort, um diálogo aberto com *Mimesis*, no sentido de que a interpretação dos textos literários visa a apresentar diferentes formas do problema do realismo, ou melhor, a encontrar modos alternativos de exposição da realidade. Cada ensaio poderia ser pensado como um novo capítulo acrescentado a *Mimesis*, da mesma forma que as leituras de Faoro e Schwarz da obra machadiana também revelam configurações realistas peculiares como aquelas elaboradas no livro de Auerbach.

A trajetória de Antonio Candido é examinada da perspectiva do confronto com a sociologia. Isto é, para marcar sua posição de trânsito entre as dimensões social e estética, Candido constrói uma imagem cientificista da sociologia, que não considera a dimensão estética da obra de arte. Assim, o autor mobilizaria uma imagem cientificista, e estreita, da sociologia para definir contrastivamente sua identidade de crítico literário. No entanto, na prática, Candido realiza uma crítica de matriz sociológica que não corresponde a essa definição tão limitada da sociologia.

Esta questão é discutida de modo mais aprofundado no último capítulo do livro, em que Waizbort acompanha a trajetória intelectual de Auerbach. Desde sua tese de doutorado, Auerbach desejava alargar as fronteiras da sociologia e dos estudos literários e estreitar os laços de análise recíproca entre esses dois campos. Auerbach busca os nexos entre literatura e processos sociais, por isso a questão do público é tão relevante para o autor, no sentido de que se torna uma categoria sociológica central para a análise literária. Dante, por exemplo, escrevendo em língua vulgar, almejava um público mais amplo, e não apenas os eruditos *litterati* que liam em latim. Montaigne, por sua vez, dirigia-se

para uma nova coletividade, constituída por leigos com alguma formação, o que acabou por sedimentar a figura do *homme de lettres*, do intelectual. Assim, uma categoria histórico-sociológica, como o público, converte-se numa categoria interna à crítica literária – que não apenas aponta para grupos sociais que existem ou passam a existir via a obra, mas também corresponde às estratégias literárias a que os autores recorrem na elaboração de seus textos.

Esta última parte do livro ilumina retrospectivamente todo o caminho percorrido pela análise. O ponto de partida foi a idéia de que existe uma multiplicidade de realismos. A questão do realismo em *Mimesis* conjuga-se ao tema da consciência histórica. A separação dos estilos alto e baixo impede que se perceba a dramaticidade da vida cotidiana e que se compreendam as forças históricas nela processadas. Tal incapacidade de apreender o sublime na vida cotidiana está associada à impossibilidade de perceber os movimentos históricos e sociais concretos, o que leva à postura moralista, incapaz de descortinar os processos sociais, à qual Waizbort tinha se referido ao discutir a presença de Auerbach como fundamento da interpretação que Faoro tece a respeito de Machado de Assis. Os diferentes realismos apresentados por Auerbach, e discutidos por Waizbort, corresponderiam a diversos graus de consciência histórica, a formas distintas de compreender a dimensão problemática e trágica da vida cotidiana.

Em suma, Waizbort parte do problema do realismo em Auerbach como fio condutor para discutir textos e autores fundamentais da crítica literária de matriz sociológica no Brasil, e termina com uma síntese da perspectiva de Auerbach. Há um movimento circular, portanto: a perspectiva aberta por *Mimesis* conduz a interpretações de autores nacionais, como Faoro, Schwarz e Candido, os quais, por seu turno, reconduzem à análise empreendida por Waizbort à obra de Auerbach. Ainda que sejam ensaios independentes, os três capítulos que compõem o livro são tão bem articulados que deixa nítida e embasada a proposta do título: passagem do três ao um.

**RONALDO OLIVEIRA DE CASTRO** é doutor em Sociologia pelo IUPERJ e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio.  
E-mail: hurtiga@gmail.com